

Jesus, Maria e José: migrantes e refugiados - Cardeal Odilo P. Scherer, Arcebispo de S. Paulo

A história do nascimento de Jesus foi semelhante à de tantos filhos de migrantes e exilados de hoje. Os pais, Maria e José, viviam na Palestina, dominada pelo império romano. Ela estava grávida, prestes a dar à luz, quando um decreto do imperador César Augusto ordenou o recenseamento geral dos súditos: todos deviam alistar-se na cidade da própria origem. Sabe-se lá, quais eram as intenções do Augusto César, se queria apenas conhecer o número de cidadãos sob o seu império? Ou controlar melhor os tributos? Talvez, saber com quantos soldados podia contar para novas conquistas, ou para sufocar insurreições?



Ordens imperiais não se discutem. Também Maria e José partiram de Nazaré para Belém, na Judeia, de onde eram originários. Não ficava tão perto e eram precisos vários dias de

penosa caminhada, ou no lombo de um jumento. Nem pensar nos incômodos e riscos da viagem, ou no frio do inverno. Mas não eram os únicos, pois o povo migrava, já naquela época. O próprio poder dominante provocava migrações forçadas, deportações e limpezas étnicas. Já imaginamos a movimentação pelas estradas, aldeias e hospedarias por aqueles dias?!

Finalmente chegaram a Belém, felizes mas exaustos e apreensivos, pois o menino dava sinais de que queria nascer. A poucas hospedarias estavam cheias e, por mais que batessem às portas, ninguém abriu. São Lucas observa, simplesmente: “não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7).

E Maria deu à luz fora da cidade, num abrigo para animais. Humildes pastores dos arredores ficaram maravilhados com o que viam e ouviam a respeito do recém-nascido. A escuridão da noite se iluminou e o céu mandou seus mensageiros para anunciarem que esse menino era o filho do Altíssimo Deus e seu nascimento traria grande alegria para todo povo! Um coro festivo de vozes celestiais cantava glórias a Deus e desejava paz aos homens de boa vontade. Maria e José contemplavam, em profundo silêncio, a cena que os envolvia. As coisas sublimes não carecem de muitas palavras. Melhor, o silêncio, as melodias, a poesia.

Jesus veio ao mundo como um migrante e experimentou a rejeição e as agruras dos milhões de homens, mulheres e crianças migrantes dos nossos dias, enxotados de suas casas e suas terras por guerras, perseguições e projetos de comerciantes poderosos de petróleo ou de armas. Outros são ameaçados por fanáticos supostamente religiosos ou por políticos obcecados por suas ideologias.

Milhões de Marias, Josés e Jesus são empurrados pela fome, a miséria e a violência para o deserto, o mar, as estradas, contra muros e cercas de fronteiras... Césares do nosso tempo sacrificam sem piedade a pobre gente, que só quer trabalhar e viver em paz; inescrupulosos mercadores de escravos exploram, até o limite do suportável, homens, mulheres e crianças e os descarregam nas fronteiras de algum país, ou abandonam no meio do mar.

Para José e Maria, a paz do Natal durou pouco. O rei Herodes ficou muito preocupado com aquilo que se dizia do menino nascido em Belém. Informantes e bajuladores o advertiam sobre o risco de deixar crescer esse suposto “rei dos Judeus”, que acabara de nascer.

Informado que o ciumento Herodes queria matar o menino, para não correr nenhum risco de perder o trono para ele no futuro, o bom José, mais que depressa, tomou o pequeno Jesus e sua mãe e fugiu para o Egito. Migrante forçado para salvar a vida, e em precárias condições, ele teve que enfrentar mais uma longa viagem, atravessar o deserto e a fronteira, viver como exilado, achar um abrigo e um trabalho para sustentar a família. A mais santa das famílias viveu o drama de milhões de migrantes e refugiados dos nossos dias. Neste Natal, fico pensando em tantas pessoas e famílias que vivem hoje em condições semelhantes.

(Artigo publicado no jornal "Folha de S. Paulo", na edição de 25/12/2017)